

2

Como esta pesquisa aborda o CNF? Explicitando o olhar teórico, a metodologia e as fontes utilizadas

O historiador deve saber fazer flechas com qualquer madeira
(JULIA, 2001; p. 17).

Neste capítulo, procuro tornar claras as opções teórico-metodológicas e a perspectiva de análise adotada, especialmente no que se refere ao exame das fontes e à construção dos conceitos-chave com os quais opero nesta pesquisa. Procurando atender a este objetivo, encontram-se a seguir três sub-itens nos quais procuro tornar explícito o trabalho envolvido na construção e operacionalização dos elementos identificados anteriormente.

2.1

“Historiador-narrador” ou “historiador-poeta”? Definindo o eixo da narrativa

Com a preocupação de indicar ao leitor o caminho de investigação que busco trilhar, recorro a duas citações que me parecem emblemáticas no tocante à discussão a respeito da impossibilidade de uma “descrição da realidade histórica”, e da (não menos impossível) “construção abstrata do objeto”, mediante a crença na possibilidade da elaboração de uma narrativa histórica calcada em elementos do imaginário do historiador. Ao partir da análise das duas citações que se seguem, me posiciono em relação às duas perspectivas colocadas frente a frente (a do poeta e a do narrador).

A primeira citação é a seguinte: “A diferença entre o historiador e o poeta é a seguinte: o historiador conta os fatos como foram e o poeta, como estes deveriam ter sido (ARISTÓTELES, 2002, p. 78)”. Embutida nesta diferenciação realizada por Aristóteles está a idéia de que seria possível descrever com fidelidade absoluta os “fatos”, os quais, seguindo esta linha de raciocínio poderiam ser contados de maneira absolutamente neutra por parte do historiador, o qual não interviria de forma alguma com suas posições pessoais, filosóficas e/ou políticas a respeito do “fato” após este ter sido “descoberto” (e não

construído). Imaginando que fosse possível retratar um “fato”, seria necessário que admitíssemos ao menos que, esta tarefa, ainda que não fosse impossível seria extremamente difícil, pois como registrar absolutamente algo que emergiria absolutamente e espontaneamente da realidade¹ tendo posse somente de cinco sentidos (o que acarreta, portanto, condições limitadas de percepção da realidade) e meios de linguagem incompletos para reproduzir amplamente um “fato histórico” e seu contexto. Pensemos por exemplo, nas dificuldades em criar uma narrativa que contivesse a descrição completa de um evento e que esta descrição pudesse reavivar simultaneamente nos cinco sentidos do expectador o referido evento, fazendo ainda com que esta experiência fosse vivenciada pelo expectador da maneira como o historiador pretendia que fosse experimentada por este expectador.

Contra-pondo-se a esta perspectiva, na qual o eminente filósofo grego da antiguidade parte do pressuposto de que seria possível “contar os fatos como foram”, Gaston Bachelard, retomando a discussão a respeito da diferença entre poetas e historiadores, afirma que: “Nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas (BACHELARD, 2001, p. 26)”. Neste sentido, cabe indicar que, se na perspectiva de Aristóteles, o historiador teria diante de si uma tarefa muito difícil, na perspectiva apontada por BACHELARD, a tentação de realizar um esforço puramente poético acaba por se mostrar igualmente desviante de uma narrativa que se prenda de alguma maneira com a realidade. Há que se destacar que este autor afirma que “somos sempre um pouco poetas”, mas se for tomado em conta o quanto este “pouco” vem a influenciar, na construção de um estudo histórico, podemos ser levados a crer que, há também o enorme risco de se ficar preso à imaginação de um evento, sem que este tenha sido de alguma forma vivenciado concretamente, afastando-se desta maneira de qualquer referência ao real. Qual seria então a chave deste enigma? Entendo que esta questão se resolve ao considerar o que pode ser entendido como este “um pouco poeta” que Gaston Bachelard atribui ao historiador. Entendo que este “pouco”

¹ A esse respeito, concordo com CURY (1993), quando afirma que a categoria de totalidade seria indissociável da idéia de verdade e que, devido às limitações sensoriais, mas também racionais inerentes à condição humana, não poderia ser apreendida como tal em um plano que não fosse o plano intelectual, no qual este conceito se constitui em categoria e, portanto em padrão de ordenação da realidade, assim, pode-se concluir que é possível pensar na idéia de totalidade (e, portanto na de verdade) tendo em vista que esta será uma idéia que deve sempre ser relativizada tendo em vista as condições de apreensão da realidade, as quais incluem as configurações do real percebidas pelo sujeito e o próprio aparato de percepção de que ele dispõe para realizar este mister.

refere-se muito mais ao esforço no sentido de tornar a narrativa construída o mais próximo possível de uma versão verossímil a respeito do objeto de estudo que se pretende examinar (dentro de determinados critérios, tais como os que serão expostos adiante, na próxima sub-seção) do que a uma medida objetiva que deva orientar universalmente o esforço de construção interpretativa de uma investigação histórica. Desta maneira, torna-se muito importante indicar que preocupo-me em não estar preso a nenhuma das duas acepções de historiadores presentes nas citações dos dois autores anteriormente citados (nem “historiador narrador” conforme visto em Aristóteles, e nem “historiador poeta” conforme visto em Bachelard), mas sobretudo, um “historiador construtor de narrativas centradas na coerência e na veracidade”, termo que demonstra como tento me posicionar, de modo a dialogar com estes dois movimentos que considero fundamentais na construção de uma narrativa histórica, quais sejam os de: ir à “realidade” e procurar captar pela via dos sentidos (e das técnicas de pesquisa que lhes servem como aporte) o que for possível desta “realidade”, e, interpretar aquilo que foi apreendido sensorialmente tendo em vista minha posição teórica, realizando desta maneira um diálogo contínuo entre teoria e empiria (BRANDÃO, 2001) e construindo desta maneira meu objeto e a narrativa sobre ele que se corporifica nesta pesquisa. Claro que antes de indicar como pretendo construir o meu objeto de estudo, torna-se profundamente necessário indicar o que entendo como “construção do objeto”, e nesse sentido, é preciso explicitar que entendo este processo como sendo a resultante do permanente confronto entre a empiria (identificada com aquilo que se pretende estudar) e a teoria (identificada com a forma como se pretende estudar), confronto este mediado sempre por técnicas e abordagens específicas, relativas à área do conhecimento em que o pesquisador pretende que seu estudo se situe (BRANDÃO, 2001).

Assim, segue abaixo uma apresentação da forma a partir da qual procuro construir o objeto, tendo em conta igualmente a necessidade de demonstrar como esta construção se conecta indissociavelmente com a narrativa que decorre da análise dos dados construídos.

2.2

Situando o estudo, caracterizando as fontes e explicitando os conceitos-chave

Este é um estudo com uma abordagem de caráter histórico, situada na perspectiva da História Cultural, que teria como principais características: a) voltar o olhar de análise para as práticas culturais dos agentes num dado período histórico; b) operar com um conceito alargado de fontes documentais, o qual viria a incluir desde documentos não-oficiais produzidos por indivíduos ou instituições até outras modalidades de registro da ação do homem, tais como grafismos e/ou utensílios utilizados pelos indivíduos num dado local e tempo (LE GOFF, 1985). No Campo da História da Educação, Magalhães (1998) identifica três linhas mestras que teriam configurado esse campo no momento anterior ao movimento de renovação historiográfica ocorrido nos anos de 1970: *"a) Preocupação com a didática; b) Produção historiográfica com ênfase na memória; c) Produção historiográfica de caráter "moralizante e civilizacional (p. 53)".* A seguir, apresenta o seguinte conceito de historiografia: *"A produção historiográfica, enquanto construção e representação discursiva da realidade, visa o conhecimento da relação, ou melhor, das relações, num contexto de multidimensionalidade (p. 53)".* Partindo desse conceito, pode-se afirmar que o autor entende a historiografia como uma forma particular relacional de trabalhar, pelas vias do discurso e da representação, os objetos científicos, construídos em função de suas ligações (específicas de cada objeto histórico) com o eixo matricial espaço-tempo. Tal concepção, advinda do movimento de renovação historiográfica, cuja maior expressão teria sido a atuação da *"Escola dos Annales"*, traria para o campo da História as seguintes resultantes: *"a) Superação da "História macro-explicativa", calcada nos aportes da política e da economia; b) Superação da "História Revisionista"; c) Revalorização da lingüística e das representações (p. 54)".* O impacto dessa reconfiguração do campo da pesquisa em História teria repercutido, segundo Magalhães, da seguinte maneira no campo da História da Educação: a) pluralidade investigativa em termos de objetos e fontes; b) Renovação metodológica; c) Revalorização da memória; d) Uma abordagem centrada no presente; e) Interdisciplinaridade. A partir dessas modificações, duas linhas de análise se destacam como matrizes básicas: *"1)*

Etnohistoriografia; 2) *História contextual* (p. 54)". Tomando como referencial a etnohistoriografia (cruzamento interdisciplinar entre a história e a etnologia), o autor propõe uma "etnografia centrada na escola", na qual: "*A escola, como a educação, são construções históricas* (p. 65)". E que: "*A estrutura escolar é, em essência a relação que se estabelece entre os quadros grupal, individual e institucional* (p. 55)". Isso teria a ver com o estudo ora desenvolvido na medida em que, procuro tomar como base esta premissas com vistas a investigar os documentos relativos à memória institucional do CNF, especialmente no tocante à *Revista Curriculum*, editada pelo Colégio. Por isso, muito embora tenhamos estabelecido como um dos objetivos a quantificação da matéria publicada pelo periódico, isso se daria com o objetivo geral de trazer à tona, no âmbito da *Revista*, o processo de seleção dos artigos que compunham essa matéria, as tendências pedagógicas que informaram os autores de tais artigos. A esse respeito, um conceito que procuro trazer para esta pesquisa é o de estratégia, tal como identificado por CERTEAU (1994, p. 46): "(...) *cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente e postula um lugar capaz de (...) servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta* (p. 46)". Utilizo este conceito com o intuito de tornar explicáveis as condutas dos agentes institucionais focalizados no estudo, especialmente aqueles que a princípio seriam os detentores de maior poder no que se refere ao CNF e à *Revista*, ou seja, os editores da *Revista* e os professores do CNF envolvidos com a elaboração de artigos para o referido periódico. Parto do pressuposto que tais estratégias viriam a marcar profundamente a história da *Revista* e a do CNF como um todo, especialmente no que se refere ao ideário pedagógico e às ações realizadas no sentido de divulgá-lo.

Não menos importante para elucidar o caminho que percorri neste estudo é a perspectiva de investigação histórica de materiais impressos proposta por Roger Chartier (1991). Este autor indica que o escrito, em sua materialidade, seria um elemento extremamente revelador das práticas culturais que se tornaram concretas no momento de sua construção e assim puderam ser captadas em sua materialidade. Para tanto, requerer-se-ia do estudo uma análise que contemple não só o conteúdo representado pelo discurso presente no documento impresso a ser investigado, mas também a forma como este impresso se modifica ao longo do tempo (alterações em elementos como o formato e o estilo de impressão).

Concordo com este autor e procuro investigar a memória institucional do CNF a partir do exame detalhado de alguns de seus elementos materiais (principalmente a Revista Curriculum e alguns Documentos do Arquivo do CNF), pois através da “reativação da memória” (CAMBI, 2001), pretendo trazer subsídios para o entendimento no momento presente da experiência educacional representada pelo Colégio, de modo a contribuir assim para o campo de estudo da história das idéias e instituições educacionais.

Dando continuidade a esta seção do trabalho, cabe indicar que ao levar em conta a escolha que realizei no sentido de focalizar a *Revista* como objeto privilegiado neste estudo, torna-se fundamental tornar mais claro o modo como conduzo esta investigação. Desta maneira, além de tomar em conta estes pressupostos, cabe explicitar que, no que se refere à escolha do caminho de análise percorrido, que me apóio em NÓVOA (1997), quando este autor afirma que duas vias são possíveis para se interrogar o impresso: a) *a utilização do periódico como fonte*: permitindo apreender e compreender as teorias e práticas que o configuram; b) *a utilização do periódico como objeto*: permite compreender modos específicos do funcionamento de estruturas que configuram o campo que condiciona a sua existência. Procuro trilhar o primeiro caminho apontado por este autor (periódico como fonte), e com vistas a atender a esse objetivo, será utilizada como fonte documental principal o periódico editado pelo CNF. Não obstante esta delimitação, examino livros editados pela FGV a respeito do CNF, assim como procuro no Acervo da AEX/CNF, documentos que trazem suporte a uma melhor compreensão da memória institucional deste Colégio. Tudo isto é efetuado tendo como preocupação maior a de fazer com que o discurso dos atores que produziram os documentos venha a emergir e tornar possível o entendimento das condições (sociais, materiais e culturais) em que estes documentos são produzidos, bem como, a partir do entendimento destas condições possam ser lançadas luzes sobre elementos ainda não suficientemente explorados do ideário pedagógico e das práticas docentes desenvolvidas no CNF. Por último, cabe indicar que, a escolha destas três fontes se dá com o objetivo de apreender, a partir da investigação dos quadros grupal, individual e institucional (MAGALHÃES, 1998) o modo como as idéias pedagógicas, políticas e administrativas se tornaram concretas na experiência educacional do CNF a partir de um esforço de análise estruturado em dois níveis: a) nível meso-institucional:

referências ao CNF presentes nos livros sobre o *Colégio* editados pela FGV, e a matéria publicada na *Revista Curriculum*, além da análise do Hino do CNF; b) nível individual: análise de depoimento de ex-alunos e ex-professores do CNF, colhidos junto ao acervo eletrônico da Associação de ex-alunos, ex-funcionários e ex-professores do CNF.

2.3 **Os passos da investigação**

Além de procurar tratar nesta parte do trabalho o processo de estruturação do olhar teórico e o caminho de análise percorrido, igualmente desejável se mostra identificar os passos seguidos neste estudo. Desta forma, apresento abaixo o roteiro seguido na investigação:

- a) Levantamento e estudo bibliográfico preliminar acerca de estudos históricos e pesquisas na área de história da educação referentes a análise de fontes documentais e investigação do impresso (principalmente trabalhos cujo fio condutor da investigação fosse a análise de periódicos).
- b) Leitura e análise dos 48 números da Revista editados.
- c) Elaboração de quadros e tabelas para quantificar a matéria publicada na Revista Curriculum, bem como proceder a uma categorização temática da referida matéria, identificando quais os assuntos mais recorrentes e a autoria dos artigos publicados, com vistas a organizar as informações que pretendo tornar explícitas com o exame dos já mencionados documentos.
- d) Mapeamento da composição do Conselho Editorial do periódico ao longo dos seus 14 anos de existência.
- e) Exame de documentos constantes da AEX/CNF, e de livros editados pela FGV a respeito do Colégio, com vistas a alargar a compreensão dos elementos da história do CNF apreendidos pela via da investigação de seu periódico.

- f) Análise dos dados construídos (relativos à Revista e aos documentos já mencionados) procurando melhor compreender a memória institucional do CNF, especialmente no tocante ao ideário pedagógico, político e administrativo deste *Colégio*.

Deve ainda ser mencionado que este roteiro foi elaborado com uma estrutura pensada de modo a não consistir em um elenco de passos estanques e etapas seqüenciais irreversíveis, mas sim como referência ordenadora dos procedimentos adotados ao longo do estudo. Tomando como eixo central esta premissa, cabe ressaltar que no decorrer do estudo há momentos em que, em função do confronto entre a empiria e o planejamento definido para a consecução do referido estudo, ocorreu a necessidade de serem alteradas as etapas de investigação, assim como, durante o processo de análise dos dados, foi necessário operar com os conceitos teóricos utilizados de modo a ressignificá-los em dados momentos, devido ao fato de que a realidade que me propus a investigar mereceu um esforço de interpretação que, ainda que pudesse se apoiar na teoria que me informava, deveria levar em conta as impressões, raciocínios e elaborações conceituais suscitadas pelo já mencionado confronto ocorrido entre a teoria e a empiria, o qual certamente não veio a acontecer somente no presente estudo, mas que, tendo acontecido, mereceu de minha parte um esforço no sentido de indicar sua existência. No que tange especificamente à análise dos artigos e sugestões pedagógicas (elementos da matéria publicada na *Revista Curriculum* que serão devidamente apresentados em etapa subsequente do trabalho), cabe ressaltar que para a realização desta empreitada foi necessário o aporte de técnicas de análise de conteúdo presente em fontes impressas (ALVARENGA, 1996; FARIA FILHO, 1999) e identificação de descritores/palavras-chave em textos acadêmico-científicos (BRITTO, 1993). Igualmente merece ser destacada a contribuição dos autores: SEVERINO (2001) com o aporte de suas “diretrizes para análise e interpretação de textos”, e PERELMAN (2001), o qual fornece o instrumental necessário para a análise retórica de textos de cunho pedagógico. Munido destas técnicas de estudo, travei contato com o objeto, e empreendi a análise que será apresentada abaixo, na próxima seção deste trabalho. Cabe ainda lembrar o aporte fornecido pelo livro de Jacques Rancière (1995) denominado

“Políticas da Escrita”, no sentido de tornar possível através de técnicas de análise empregadas na crítica literária, extrair de partes dos depoimentos, do hino do CNF e de um poema sobre o CNF², elementos para o entendimento do discurso de seus autores. Por fim, mas não menos importante, destaca-se o auxílio encontrado no livro de Gaston Bachelard (2001) denominado “A Poética do Devaneio” no que se refere à tarefa de interpretar a linguagem metafórica de partes dos referidos depoimentos, bem como analisar algumas das fotografias relativas ao CNF, presentes no acervo documental constantes da já mencionada Associação de ex-alunos, professores e funcionários do CNF, permitindo assim compreender de que maneira as idéias e imagens dos atores institucionais do CNF se relacionam com o ideário do *Colégio* nos níveis político, pedagógico e administrativo.

² Estas fontes documentais pertencem à Associação de ex-alunos, professor e funcionários do CNF e serão analisadas no quinto capítulo.